

LAKLÃNÕ/XOKLENG

O POVO QUE CAMINHA EM DIREÇÃO AO SOL



SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS 2016

17-23 DE ABRIL

LAKLÃNÕ/XOKLENG

O POVO QUE CAMINHA EM DIREÇÃO AO SOL

Organização: Cledes Markus, Janaína Hubner, Nienke Pruiksma

Responsabilidade: ISAEC/DAI – COMIN

Autoria dos textos: Adriana Korikrán da Silva Priprá; Adriel Weitchá da Silva Priprá; Aléxia K. Farias; Anélio Crêndo; Altieres Priprá; Cuvei Crendo; Darlei Vanhecú Patté; Eberton Munhã Weitchá; Elton Vaipon Weitchá; Emerson Domingos Crendô; Felipe Amandio Crendo Priprá; Franciele Vailui Priprá; Geraldino Namblá Patté; Guilber Penky Priprá; Jair Ghoguin Crendo; Jasom de Oliveira; Jean Cangó Patté Priprá; Jesaías Vaipon Patté; João Adão Nunc-nfônro de Almeida; Josué Vomble Crendo; Leidiane Leonda Juvei; Leoni Kalebe Glendo; Marian Ruth Heineberg; Mateus Pereira da Silva; Mauro Julian da Silva; Micael Weitscha; Midiã Rayssa Caxias Camblem; Milena Txului W. C. Amandio; Miriam Vaicá Priprá; Namblá Gakran; Suelen K. Weitchá Amandio; Tania Maria da Silva Ndili; Valderes Coctá Priprá de Almeida; Zileide Vaitxung Juvei.

Desenho história em quadrinhos: Elton Vaipon Weitchá.

Desenho da árvore: Alexia Farias.

Elaboração do mapa: Osvaldo Gemma, Jesaías Vaipon Patté, Tania Maria da Silva Ndili, Eberton Munhã Weitchá, Leidiane Juvei.

Autoria das fotos: Janaina Hubner, Jidean Raphael Fonseca, Lúcio Roberto Schwingel, Marian Ruth Heinenberg, Tiago Gomes.

Aldeias Envolvidas: Aldeia Bugio.

Elaboração didático-pedagógica: Sônia Mees, Edson Ponick, Janaína Hubner, Jasom de Oliveira, Maria Dirlane Witt, Lori Altmann, Maria Eunice Jardim Schuch, Maria Cristina Rieth, Cledes Markus.

Diagramação, capa e cartaz: Allegra Comunicação.

Fotografias: Arquivo do COMIN.

Impressão: Impressos Portão.

Realização: COMIN em parceria com Secretaria de Formação da IECLB.

Apoio: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB), Pão para o Mundo e Obra Missionária Evangélica Luterana na Baixa Saxônia (OMEL), da Alemanha, e Kerkinactie, da Holanda.

Tiragem: 40 mil exemplares.

ISBN: 978-85-7843-567-7

Editora Oikos Ltda. - Rua Paraná, 240 - B. Scharlau - CEP 93120-020 - São Leopoldo/RS
Fone: (51) 3568.2848 • contato@oikoseditora.com.br • www.oikoseditora.com.br



2016

Amigas e Amigos:

O material da Semana dos Povos Indígenas de 2016 tem como título **“Laklãnõ/Xokleng – o Povo que caminha em direção ao sol”**. Este povo vive no Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina.

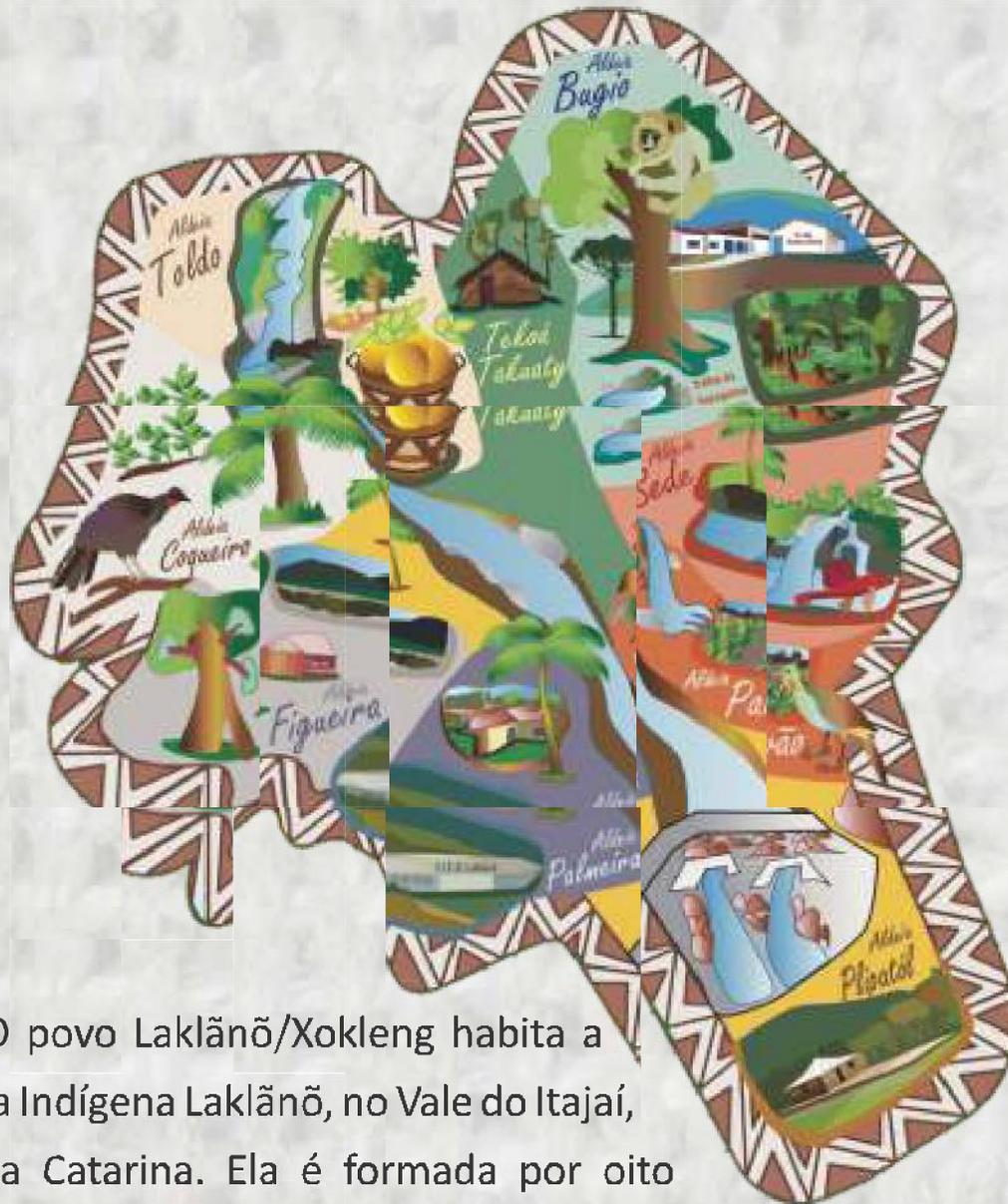
Neste caderno, a comunidade reafirma aspectos valiosos de sua história e de sua cultura, da vivência comunitária e do convívio com a natureza, de seus mitos, de sua língua, da educação, de seu artesanato e das ervas medicinais. Além disso, a comunidade também relata sobre suas experiências ecológicas, especialmente sobre a Trilha da Sapopema. Nela os jovens aprendem dos anciãos a importância da natureza para a vida de todo o planeta e a partilham com as pessoas visitantes.

Os saberes partilhados neste caderno nos levam à reflexão. A sabedoria Laklãnõ/Xokleng é fonte de aprendizagem para toda a sociedade nacional, caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

A primeira parte do caderno é elaborada para crianças. A segunda volta-se para o público juvenil, servindo também como fonte de informações para as pessoas que irão orientar e animar as reflexões. A terceira parte traz orientações de como trabalhar de forma didática com o caderno e o cartaz.

Os textos e os desenhos elaborados pelo povo Laklãnõ/Xokleng bem como informações complementares, podem ser encontrados no site: www.comin.org.br

Povo Laklãnõ/Xokleng



O povo Laklãnõ/Xokleng habita a Terra Indígena Laklãnõ, no Vale do Itajaí, Santa Catarina. Ela é formada por oito aldeias. As aldeias Palmeira, Toldo, Sede, Pavão e Plipatól localizam-se no município de José Boiteux. As aldeias Figueira e Coqueiro, no município de Vitor Meireles. Parte da aldeia Bugio está localizada no município de Doutor Pedrinho e outra parte em José Boiteux.

Atualmente, a população é de aproximadamente dois mil e quinhentos habitantes, formada principalmente pelo povo Laklãnõ/Xokleng, alguns descendentes do povo Kaingang e do povo Guarani Mbya.

A vida nas aldeias

A escolha das lideranças

A Terra Indígena tem uma liderança geral, que pode ser homem ou mulher, e que é denominada de cacique presidente. Esta liderança é eleita por todas as aldeias. Cada aldeia tem uma liderança regional eleita pela comunidade, que também pode ser homem ou mulher.

Todas as lideranças podem ser reeleitas, desde que façam uma boa administração. As pessoas do Povo Laklãnõ/Xokleng acima dos 15 anos têm o direito de votar.



A arte

A arte faz parte da cultura e ajuda a contar a história do povo Laklãnõ/Xokleng. Para sua confecção utilizam elementos que a natureza oferece e que são encontrados na mata: sementes, palha, barro, cipó, madeira. Estes objetos são utilizados como utensílios no dia a dia, como enfeites corporais ou como objetos para a venda.

Conheça algumas destas artes:

VANHGUZÉ - Tecido de urtiga

É feito da fibra de uma planta chamada urtiga. É muito usado em dias de frio como cobertor e como vestimenta para mulheres. Leva muitos dias para confeccioná-lo.

Algumas mulheres são responsáveis por essa tarefa.



Fonte: Silvío Coelho dos Santos - Memória Visual

ZÃNKÓ - Colar

O colar é um adorno feito de vários tipos de semente. Ele é usado pela própria comunidade e também feito para vender.

KOPÃN - Pegador de brasas

O kopã é feito da vara de uma planta chamada cutia. É usado para mexer nas brasas quando se assa alimentos.



KUKLŨ TÕ KUHOL - Panela de argila

A panela de argila é usada no cotidiano do povo Laklãnõ/Xokleng e serve para cozinhar e armazenar alimentos. Quem conhece a técnica para fazer a panela de argila é a mulher; ela sabe onde buscar a argila e domina todo o processo de preparação.



KAKÉNH - Recipiente do Mõg

O kakénh é uma madeira cavada que serve para fazer o Mõg. É uma bebida típica feita em ocasiões como casamentos, rituais ou para comemorar um grande feito. Para fazer o kakénh não pode ser usado qualquer tipo de madeira, pois é ela que dará um sabor especial para o Mõg.

Atividade:

Troque os códigos por letras e descubra o nome de outras peças de artesanato.

♣	★	♥	☾	⊘	↪	⬠	◆	▲	★	☀	+	◀	
A	C	Ç	D	E	F	G	H	I	L	N	O	P	R

♣	◀	★	☀	⊘	↪	★	⊘	★	◆	♣

★	♣	☀	♥	♣

+	♣	☀	⊘	★	♣	☾	⊘	♣	◀	⬠	▲	★	♣

Alimentação... ... no passado

A professora Miriam Vaicá Priprá, 48 anos, conta que ainda lembra dos tempos de criança, quando caminhava na mata com os seus avós:

“Nós caminhávamos no mato, perto do rio e, de repente, os homens iam até o rio e tiravam de dentro dele um balaio cheio de pinhão. Tinha algumas folhas por cima. Eles pegavam um pouco para matar a fome das crianças, para elas aguentarem a caminhada até chegar em casa. Depois guardavam o restante para o próximo grupo que vinha atrás.

Os alimentos vinham da caça, da pesca e da coleta de tudo o que a vasta Mata Atlântica oferecia. Eram coletados por pessoas escolhidas pelo Kujá (curandeiro ou chefe do povo). As tarefas eram distribuídas entre homens e mulheres. A caça era



Aldeia Bugio

feita pelos homens; a coleta era feita por homens e mulheres juntos. O preparo dos alimentos era tarefa das mulheres. Os homens eram responsáveis por encontrar locais para guardar os alimentos que sobravam. O principal alimento guardado era o pinhão, que ficava dentro de um cesto colocado em um riacho. A água auxiliava na conservação do pinhão.”

Alimentação... ... hoje

Da mesma forma como no passado, os Laklãño/Xokleng, quando caçam e coletam alimentos na mata para alimentar as pessoas da comunidade, respeitam os animais e as plantas. Antes de caçá-los e coletá-las eles conversam com eles e pedem permissão. Além disso, eles pegam somente o estritamente necessário.

Como a área da Terra Indígena ficou reduzida, diminuiu bastante a caça e a coleta de alimentos. Isto obrigou o povo a mudar seus hábitos alimentares. A alimentação também mudou por causa da convivência com outros povos indígenas e com a sociedade não indígena. O cultivo do milho e da mandioca não faz parte da cultura Xokleng. Este é um conhecimento que foi repassado ou transmitido por outros povos indígenas.

Com as culturas não indígenas vieram os alimentos industrializados: o sal, o açúcar, os corantes e os conservantes.

Seu consumo causa muitos problemas à saúde dos Laklãño/Xokleng.



Aldeia Plipatól

Ainda em relação à subsistência, a principal atividade desenvolvida pelos Laklãnõ/Xokleng é a agricultura.

Há também diversas pessoas que são professoras/es, agentes de saúde, técnicos em enfermagem e enfermeiras/os, artesãs e artesãos. Outras ainda trabalham em plantações ou em frigoríficos da região.



Aldeia Bugio



Atividade:

Encontre os seguintes alimentos dos Laklãnõ/Xokleng no quadro abaixo: **caça, milho, peixe, carne, aipim, fubá, pinhão.**

J	K	X	D	R	U	F	U	B	Á	U	T
M	N	O	I	Q	A	I	P	I	M	N	B
I	S	F	C	G	H	J	E	A	I	U	Q
L	L	M	A	S	A	I	I	T	E	C	V
H	R	T	R	A	H	O	X	M	U	P	R
O	L	I	N	X	T	X	E	Z	A	R	E
H	J	L	E	S	A	R	T	M	B	X	E
A	Ç	U	H	E	I	P	O	C	A	Ç	A
P	I	N	H	Ã	O	Ç	Ã	L	S	R	E

A educação

A escola é um dos principais meios para revitalizar e registrar a história do povo. Os anciãos participam da vida da escola, pois eles possuem a sabedoria dos ancestrais. O ensino é bilíngue, ou seja, nas escolas se ensina o português e a língua materna Laklãnõ/Xokleng.

A língua Laklãnõ/Xokleng

A língua Laklãnõ/Xokleng ainda é falada pelo povo. A comunidade se preocupa com a revitalização e o fortalecimento de sua língua, pois é um meio importante de comunicação, reflete a cultura e o modo de ver o mundo do povo.

Hoje as escolas indígenas têm pessoas educadoras para trabalhar no currículo a língua materna e a arte indígena. Muitas delas são formadas em magistério indígena num curso universitário especificamente criado para indígenas. Este curso se chama Licenciatura Intercultural Indígena. Isto está fazendo com que as pessoas jovens voltem a sentir orgulho de aprender e mostrar as suas tradições.

O alfabeto da língua Laklãnõ/Xokleng contém 33 letras, entre consoantes e vogais. Cada letra possui uma pronúncia diferenciada. As crianças aprendem a ler e escrever a sua língua na escola indígena.



Aldeia Bugio

Aldeia Bugio

Mitos

Os mitos são conhecimentos muito antigos e também ensinamentos sagrados que são transmitidos de geração a geração. São contados pelas pessoas anciãs quando o povo se reúne ao redor do fogo. As crianças, e as pessoas jovens e adultas ouvem atentas e com muito respeito as pessoas anciãs contarem as histórias. Deste modo, elas ficam gravadas na memória do povo, e são a sua literatura oral.

Com seus mitos os Laklãno/Xokleng contam o seu cotidiano e transmitem os seus sentimentos. Neste sentido, os mitos são histórias reais pois contam acontecimentos que marcam a vida. Em sua maioria estas histórias têm como personagens animais, pessoas e outros elementos da natureza.

Neste sentido, os mitos ajudam os povos indígenas a preservarem o meio ambiente, a entenderem o contexto em que vivem e lhes dão ânimo para sobreviver. Eles normalmente transmitem um ensinamento a ser seguido. É muito importante que aquilo que ainda é preservado seja guardado para as próximas gerações.

Fonte:
Silvio Coelho
dos Santos



Tradução do texto da história em quadrinhos

O machado da coruja que foi escondido

Certa vez, o pica-pau quis pegar o machado da coruja para ele.

Ele perguntou para ela:

– Empresta seu machado? Quero ir procurar mel.

A coruja entregou o machado para ele, que saiu com o machado caminhando pela mata, procurando mel. No caminho o pica-pau encontrou um pé de pinheiro araucária que estava seco e caído e escondeu nele o machado da coruja.

Quando ele voltou a coruja perguntou:

– Cadê o meu machado?

– Eu achei um tronco de pinheiro araucária seco caído e deixei o machado em cima e vim embora. Deixei com a ponta fincada lá. Está guardado, quando eu voltar lá eu trago.

Cada vez que o pica-pau saía, a coruja perguntava sobre o machado e ele respondia a mesma coisa. Mesmo passando pela coruja ele não trazia o machado. E ela continuava a perguntar:

– Por que não trouxe o meu machado?

O pica-pau havia escondido o machado da coruja e não contava para ela, pois era com o machado que o pica-pau tirava mel. E a coruja continuava a pedir pelo machado, sem desconfiar que o pica-pau o havia escondido.

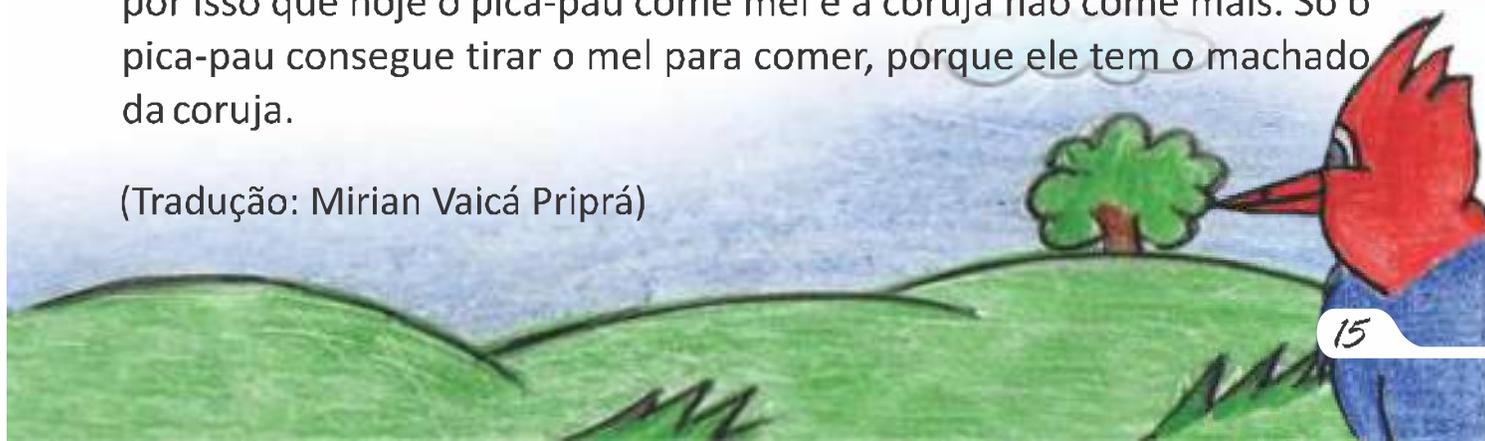
O pica-pau, certo dia, falou para ela:

– Eu vou lá pegar o machado!

Ele foi, pegou o machado e tirou mais mel. Depois ele pensou onde iria esconder o machado mais uma vez. Escondeu-o e foi embora.

O pica-pau escondeu o machado da coruja e nunca mais o entregou. É por isso que hoje o pica-pau come mel e a coruja não come mais. Só o pica-pau consegue tirar o mel para comer, porque ele tem o machado da coruja.

(Tradução: Mirian Vaicá Priprá)



Respostas

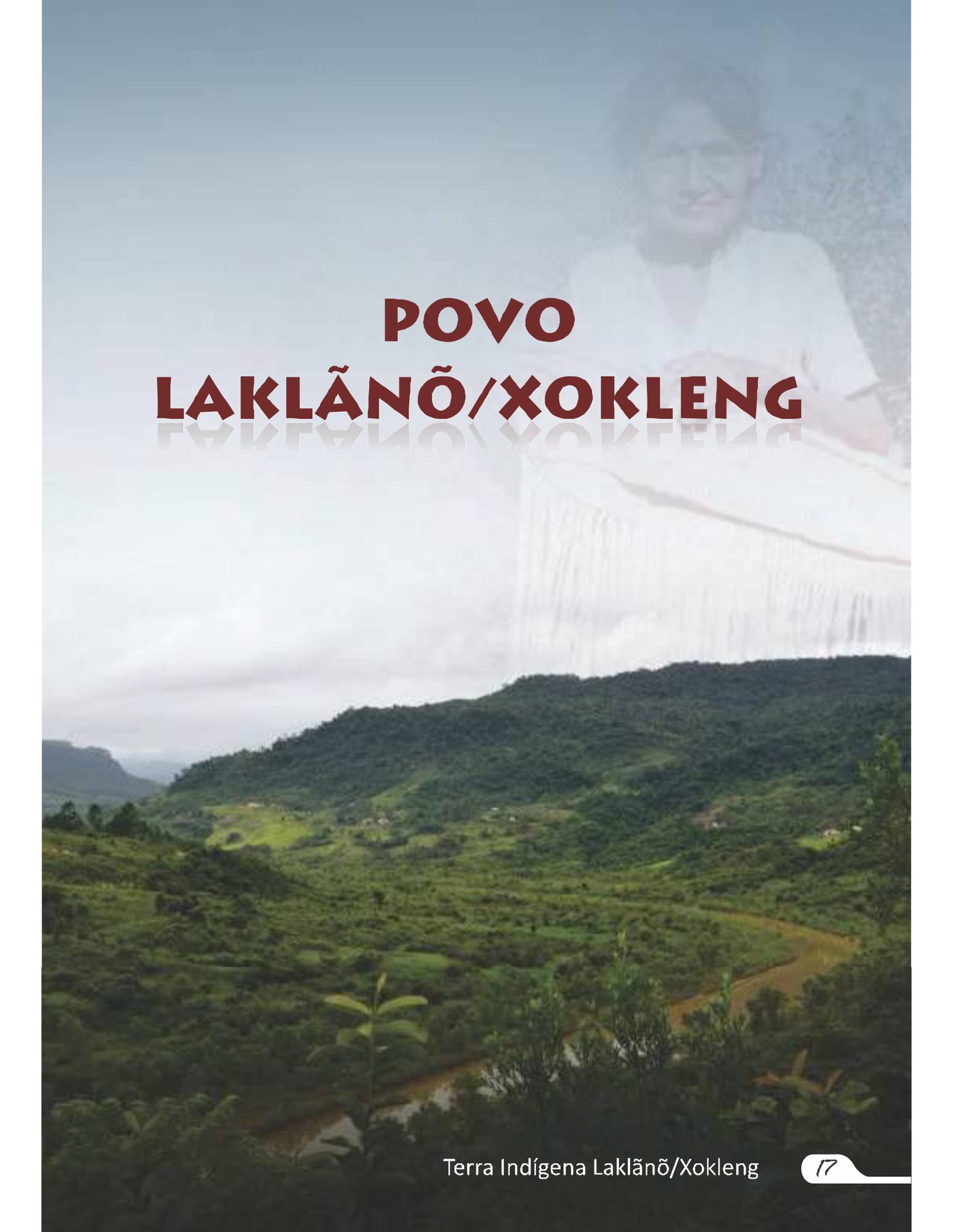
Resposta da página 07 > **ARCO E FLECHA; LANÇA; PANELA DE ARGILA**

Resposta da página 09



J	K	X	D	R	U	F	U	B	Á	U	T
M	N	O	I	Q	A	I	P	I	M	N	B
I	S	F	C	G	H	J	E	A	I	U	Q
L	L	M	A	S	A	I	I	T	E	C	V
H	R	T	R	A	H	O	X	M	U	P	R
O	L	I	N	X	T	X	E	Z	A	R	E
H	J	L	E	S	A	R	T	M	B	X	E
A	Ç	U	H	E	I	P	O	C	A	Ç	A
P	I	N	H	Ã	O	Ç	Ã	L	S	R	E





POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG

O início do (quase) fim



Fonte: Mapa da região Sul. SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e Brancos no Sul do Brasil*, 1973. p. 36.

Era um espaço acolhedor e que tinha tudo para se viver bem. Essa pode ser a descrição do imenso território ocupado por um povo indígena que se chama hoje Laklãnõ/Xokleng. A região na qual eles viviam iniciava no centro do Paraná, passava por Santa Catarina e se estendia até o Rio Grande do Sul: “Este amplo território era percorrido pelos Laklãnõ/Xokleng através de vários caminhos, que nos vales serviam para coleta e caça e no litoral para a pesca.” Conforme pesquisa do estudante indígena Jair Ghoguin Crendo, a vida dessa gente mudou radicalmente a partir do século XVII, quando um outro povo passou a invadir e a ocupar essa região. Veja a seguir os principais acontecimentos que marcaram a história dos Laklãnõ/Xokleng, conforme a pesquisa do professor Jair:

• Os primeiros grupos estrangeiros:

A chegada dos portugueses, com sua colonização chamada de Frente Pastoril, foi o início do sofrimento.

• Interesses econômicos:

A abertura de uma estrada para tropeiros e tropas entre São Paulo e Rio Grande do Sul, no século XVIII, também deixou suas marcas.

• Colonização europeia:

As primeiras levas de colonos alemães começaram a entrar pelo sul do território Laklãnõ/Xokleng, por volta de 1830.

• Conflito armado:

Por volta de 1850 a colonização avança pelo norte catarinense, com famílias de agricultores europeus no Vale do Itajaí.

• Expedições de bugreiros:

Protegidos pelas autoridades, grupos de homens armados saqueavam, matavam e destruíam as comunidades indígenas.

• A difícil decisão do povo Laklãnõ/Xokleng:

Segundo relato de Kovi, um dos líderes do grupo Laklãnõ/Xokleng em 1914, o povo havia sido bastante massacrado e estava encurralado. Além disso, havia muitas crianças no grupo que precisavam de um futuro melhor. A partir disso, o grupo se reuniu e decidiu fazer contato com os não indígenas e tentar a comunicação para continuar sobrevivendo.

• Impactos culturais:

A partir da década de 1920, com a entrada da escola, e na década de 1940, com a entrada da Igreja, o povo sofreu e ainda sofre uma influência muito forte das culturas não indígenas.

• Barragem contra as cheias:

Além de tudo isso, em 1972, a Barragem Norte, para contenção de cheias, dividiu a Terra indígena dos Laklãnõ/Xokleng e inundou 1.220 hectares de terras férteis.

• A luta continua:

Essa história de invasões e conflitos quase exterminou os Laklãnõ/Xokleng e obrigou os 2.500 sobreviventes a viver numa área de terra de 14 mil hectares, situada no nordeste de Santa Catarina. Eles têm ainda uma área de 23 mil hectares de terra reconhecida, mas que falta ser demarcada.



Aldeia Bugio

Atividade:

Para vivenciar o que os Laklãnõ/Xokleng sentiram nos últimos três séculos realize a seguinte dinâmica:

1. No centro da sala espalhe folhas de jornal no chão. O ideal seria colocá-las no formato aproximado do mapa anterior.
2. Ao som de uma música, alunos e alunas caminham entre as folhas. Ao parar a música, param sobre uma folha de jornal. Duas ou mais pessoas podem parar sobre a mesma folha. Na pausa da música, lê-se um item do texto acima. Após a leitura de cada item, tira-se alguns jornais, saindo também algumas pessoas.
3. Compartilhar a experiência.
4. A atividade pode ser adaptada para uma dramatização.

ESPERANÇA: O RENASCIMENTO

A perda de seus direitos e o contato com pessoas da cultura não indígena fez com que as tradições, os costumes e as crenças dos Laklãnõ/Xokleng fossem fragilizadas. A partir da década de 1980, com as pesquisas sobre a língua materna Laklãnõ/Xokleng do professor Namblá Gakran, iniciou um processo de revitalização da língua. Além disso, a participação de acadêmicos indígenas no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) incentivou a pesquisa da cultura e sua prática a partir da comunidade escolar nas escolas indígenas.

Um dos exemplos é a Trilha da Sapopema. Veja o depoimento de Emerson Domingos Crendô:



Aldeia Bugio

A Trilha da Sapopema: Jovens aprendendo e ensinando a respeitar a cultura

“A Trilha da Sapopema está localizada na Aldeia Bugio e surgiu como iniciativa dos jovens, em parceria com o Conselho de Missão entre Povos Indígenas – COMIN. Eles queriam iniciar uma atividade de geração de renda relacionada à sua cultura sem sair de sua aldeia. A trilha foi inaugurada em 2013 como uma trilha ecológica, que tem cerca de 1.800 metros de extensão e está a aproximadamente 950 metros de altitude.

O objetivo é proporcionar aos visitantes não indígenas a experiência de conhecer e caminhar pela Mata Atlântica, com sua biodiversidade, que está entre as maiores do mundo. Além do aspecto pedagógico em relação à educação ambiental, os visitantes têm a oportunidade de vivenciar a cultura Laklãnõ/Xokleng.

No final do percurso, há uma parada em uma cabana típica para degustar o *Kapug*, comida tradicional assada na taquara e preparada com palmito ralado ou carne de caça ou farinha de milho. Nesta mesma cabana, anciãos contam uma história em seu idioma e a traduzem. Seguindo, visita-se o Memorial Laklãnõ/Xokleng, onde se encontram utensílios e fotos que contam o passado e o presente do povo. Há também um momento de canto no idioma Laklãnõ/Xokleng e exposição e venda de artesanato tradicional.



A trilha é uma ótima atividade para as escolas. Mais do que vivenciar a cultura Laklãnõ/Xokleng e conhecer a Mata Atlântica, esta iniciativa proporciona à sociedade a rica experiência de relacionar-se *face a face com o sujeito indígena*. Não aquele indígena retratado em livros e programas de televisão, mas o indígena real que tem sua língua, tem voz, tem sonhos, alegrias e tristezas; tem sabedoria, tem vida e que é Laklãnõ/Xokleng.”



As plantas medicinais

Os Laklãnõ/Xokleng também valorizam a sua cultura através do uso de plantas para a cura de doenças. Confira o relato de Marian Ruth Heineberg:

“A maioria das plantas medicinais do povo Laklãnõ/Xokleng é coletada no mato. As folhas são as mais utilizadas, mas também se usa o caule, a raiz, o cipó, as sementes e até a planta toda.”

Veja algumas plantas medicinais e como elas são usadas:



Zunh

Guiné é uma erva usada desde antes do contato com não indígenas. Os mais velhos contam que ela foi usada por Kamlén, um importante líder, que se comunicava com os espíritos da natureza. Ele foi picado no braço por uma cobra e se curou usando a guiné. Ela também pode ser usada como contraceptivo, espantar cobra e curar dor de cabeça.

Kótõvãtxozãlen mũ

Salvação-de-Senhora é uma árvore da região, encontrada na mata fechada. Ela é usada para a mulher que não consegue engravidar. Também foi relatado seu uso para combater diarreia, resfriados, câncer no útero, sopro no coração e também para tirar o cansaço e retardar o envelhecimento.

As pessoas anciãs alertam que é preciso conversar com a planta sobre o motivo da utilização e como forma de respeito aos espíritos da mata, que é viva, assim como nós somos. Para o povo, todos os seres da mata possuem um espírito que deve ser respeitado.





Dé lã zéj

Ticum é uma palmeira espinhenta, nativa da região. Sua raiz é usada para tratar quebra-dura de osso e machucados.



As plantas em diferentes rituais

O ticum e outras plantas eram utilizados nos rituais de batizado para fazer um cordão e enrolá-lo em volta das pernas ou braços das crianças. Algumas famílias utilizam essas plantas ainda hoje por ocasião do nascimento de crianças.

“Faz corda com a casca da raiz da embira e enrola no pé da criança até terminar de cantar para batizar. No fim do batismo tem que desenrolar a corda também cantando.”

(Neli Ndili, 74 anos, da Aldeia Sede)

Esse é um exemplo de uso das plantas para simbolizar a ligação entre o mundo material e o espiritual, sendo utilizadas para acessar esse mundo espiritual, curar e trazer proteção.

Atividade

Escreva um poema olhando para o futuro.
Como você quer que seja o futuro da sua cidade, de seu estado e país?
E o futuro dos povos indígenas?
Lembre-se de dar um título ao seu poema.

A vertical illustration on the left side of the page shows a tree with a thick, textured trunk and several green, spiky branches. The background behind the tree is a yellow and brown checkered pattern that fades into the white background of the page.

O poema abaixo é a fala de um indígena
relembrando aspectos
da cultura, da gente e da natureza.

Saudade

Saudade do índio, sentado no chão,
Em volta do fogo, comendo pinhão.
Saudade do cântico, que o *kujá* cantava,
E de todo povo, que alegre dançava.

Saudade da mata, por onde andavam,
Saudade da caça, que a todos tratavam.
Saudade do *mõg*, que o índio bebia,
Saudade das festas, tudo era alegria.

Saudade do fogo, que o índio acendia,
Saudade das danças, grande era a alegria.
Saudade do rio, onde as crianças nadavam,
Saudade dos peixes que os índios alimentavam.

Saudade das festas, e dos casamentos,
Sempre em luas cheias, era um grande evento.
Saudade de tudo, que o índio usava,
E a tradição sempre continuava.

Saudade da terra, que foi invadida,
Saudade da mata, que foi destruída.
Saudade da relva, que o fogo queimou,
Saudade de tudo que o tempo apagou.

Saudade do ouro e do pau brasil,
Saudade de tudo, que daqui sumiu.
Saudade do índio que o branco matou,
Com esta Saudade para o túmulo vou.

Desenho:
Alexia Farias

Autor: João Adão Nunc-nfoônro de Almeida

Como trabalhar com o caderno e o cartaz?

Trabalhar de forma didática e contextualizada com o material da Semana dos Povos Indígenas é um aspecto importante. Por isso, as orientações que seguem querem contribuir no preparo das aulas.

O caderno pode ser estudado individualmente ou em grupo. Durante a leitura, crianças e jovens são estimulados a pensar sobre a forma de viver de um povo indígena e a identificar aspectos importantes do povo Laklãnõ Xokleng.

A tarefa da pessoa que orienta os trabalhos será a de animar e facilitar descobertas, criar condições para que crianças e jovens vivenciem e compartilhem suas experiências e seus conhecimentos sobre os povos indígenas, sempre relacionando-os com a sua própria história de vida e a da sua comunidade.

Na orientação de um estudo em grupo, é importante:

a) Preparar o estudo, lendo todo o caderno, mesmo que o encontro seja somente com crianças. No site do COMIN há informações adicionais sobre o tema.

b) Planejar o encontro. É necessário pensar como será a abertura, a motivação para introduzir o tema, as atividades a serem realizadas e o encerramento.

c) Criar um espaço de participação para que crianças e jovens formulem suas perguntas e pesquisem possíveis respostas.

d) Adaptar as atividades e o próprio texto. O caderno apresenta um povo indígena com suas especificidades culturais. Neste sentido é bom proporcionar reflexões para perceber diferenças com os povos indígenas que vivem na sua região.

e) Buscar informações adicionais ou procurar contato com pessoas ou instituições envolvidas na luta dos povos indígenas. Incentivar a pesquisa. Através da internet é possível encontrar informações sobre diferentes povos indígenas do Brasil e do mundo. Há várias pesquisas já realizadas sobre o povo Laklãnõ Xokleng, que podem auxiliar no estudo.

f) Verificar a possibilidade de visitar uma comunidade indígena de sua região ou trazer um grupo de indígenas para uma conversa com crianças e jovens.

g) Avaliar com o grupo as atividades e reflexões realizadas, para juntos planejem o assunto e o próximo encontro.

Além do caderno também há o cartaz como recurso pedagógico. Pode-se fazer a interpretação do cartaz, identificando aspectos da cultura Laklãnõ Xokleng, ou apontar características relacionadas ou diferenciadas da forma de viver das crianças e dos jovens. Além disso, pode-se utilizá-lo para introduzir o assunto, para que crianças e jovens representem as cenas mostradas; montar um quebra-cabeça.

O caderno e o cartaz são dois subsídios organizados com a finalidade de contar e trazer informações sobre povos indígenas que vivem em território brasileiro. Assim, é uma oportunidade para refletir sobre a história e a cultura Laklãnõ Xokleng.



Para saber mais +



Pesquisa na internet



www.comin.org.br

Caderno para a sala de aula, textos, mitos, fotos, desenhos, histórias e bibliografia



www.cimi.org.br

O CIMI disponibiliza informações e posicionamentos frente à política indigenista do governo



www.socioambiental.org.br

O ISA disponibiliza informações e indicações de literatura sobre povos indígenas

Livros

Acessíveis na internet:

Arte e Cultura Xokleng,
FUNAI – Litoral Sul.



Coelho dos Santos, Silvio.

Os Índios Xokleng:
Memória Visual. Florianópolis:
Ed. da UFSC, 1997.



**Trabalhos de conclusão dos
formados Laklãnõ/Xokleng em
Licenciatura Intercultural
Indígena pela UFSC**

<http://licenciaturaindigena.ufsc.br/xokleng/>

Página da Trilha da Sapopema



[Trilha-da-Sapopema-1395817824077154/](https://www.facebook.com/Trilha-da-Sapopema-1395817824077154/)

Ag vë tē kágļēl mŭ
Nosso idioma reviveu.

Informações: COMIN

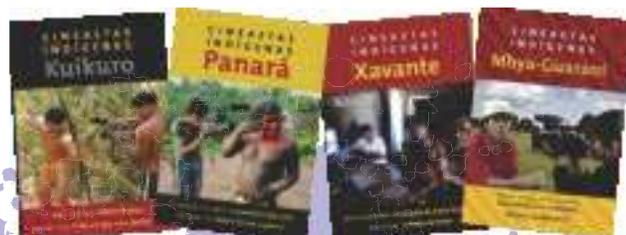


Índios Xokleng, onde foram parar seus costumes?

www.youtube.com/watch?v=_sL03FPSUN8

XOKLENG/LAKLÃNÕ

www.youtube.com/watch?v=VCM5yu56Gzk



*Video nas Aldeias com
cineastas indígenas.*



www.videonasaldeias.org.br



COMIN



ISAEC - DAI - COMIN

São Leopoldo/RS • Fone/Fax: 51. 3590.1440
Caixa Postal 14 • CEP: 93001-970

cominsecretaria@est.edu.br
www.comin.org.br

